
Negra Que Te Quero Negra: Uma Análise Semântico-Literária da Obra “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado

Elizabeth de Souza Iulianelli

Objetivo Geral

Contribuir para uma interface Língua Portuguesa / Literatura infantil.

Reconhecer os recursos léxico-semânticos utilizados em processo de criação de significados literários.

Objetivos Específicos

Apresentar uma breve visão panorâmica das origens da Literatura Infantil.

Tratar a progressão lingüístico-referencial em Literatura Infantil.

Analisar o uso de recursos lexicais para a reconstrução textual de esquemas sócio-culturais estereotipados em uma obra infantil.

Depreender pistas lexicais que reorientam a moldura sócio-cognitiva que enquadra os paradigmas conceptuais.

Resumo

Analisar os recursos léxico-gramaticais utilizados no livro “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado é o objetivo principal deste projeto. Através de pesquisa bibliográfica, analisamos aspectos semântico-literários no tratamento de temas da vida real, por ora o preconceito racial, instaurando-se de maneira a redefinir o universo factual (mundo real), a partir de conceitos recriados no mundo contrafactual (mundo textual). A progressão referencial e seus mecanismos de coesão e coerên-

cia textuais são abordados a fim de elicitar o processo de construção de significado. Dessa forma, destaca-se a importância da análise dos aspectos lingüísticos, ativando semioses por sujeitos cognitivos em interação, reformulando modelos conceptuais de mundo.

Capítulo 1

Introdução

O presente trabalho visa analisar o uso dos recursos lexicais na construção da coerência e coesão referencial da obra de Literatura Infantil “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado.

Para tal, abraçamos uma linha teórica sócio-cognitivista dos estudos de linguagem, protagonizado por Gilles Fauconnier (*Mental Spaces*, 1994 e *Mappings*, 1997) na Universidade de Berkeley, Califórnia. Para essa teoria convergem Eve Sweetser, George Lakoff, Mark Turner, Adele Golberg e Suzanne Kemmer (tais referências são encontradas na *Revista de Estudos Lingüísticos – Veredas*).

Protagonizando tais estudos no Brasil encontramos Margarida Salomão (UFJF), Maria Lúcia Leitão de Almeida (UFRJ), Valéria Chiavetto (UERJ), entre outros, bem como, convergindo para essa abordagem os teóricos Ingedore Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia.

Em Literatura encontramos Nelly Novaes Coelho, Maria Antonieta Antunes Cunha e Domício Proença Filho, que nos servem como fundamentação teórica.

Esses estudos caminham na contramão de uma prática investigativa tradicional que arrolaria tal análise à Estilística e não uma descrição dos usos gramaticais na construção de significado.

Sob esse prisma sócio-cognitivista reorienta-se a definição de linguagem como um conjunto de instruções (FAUCCONNIER:1988:61-3), cuja função precípua é a construção de significado. Isto significa assumir a linguagem “como operadora da conceptualização socialmente localizada através da atuação de um sujeito cognitivo real que produz significados como construções mentais, a serem sancionadas no fluxo interativo” (SALOMÃO:1999:12).

Através de uma análise léxico-semântica percorremos as trilhas literárias desvendando nossos universos sócio-culturais.

Dessa forma, apresentamos, no capítulo 2, um breve panorama das origens da Literatura Infantil; no capítulo 3, o Maravilhoso na Literatura Infantil; no capítulo 4, falamos da construção da realidade através da linguagem narrativa; no capítulo 5, apresentamos os pressupostos teóricos da lingüística sócio-cognitivista e no capítulo 6, tratamos a análise semântico-literária, ressaltando aspectos sociológicos, culturais, em que através dos recursos léxico-gramaticais demandamos a reconceptualização de esferas sócio-culturais estereotipadas; no capítulo 7, uma visão panorâmica de todo o tratamento sócio-cognitivo utilizado na análise de construção do sentido em texto de Literatura Infantil.

Capítulo 2

Breve Panorama das Origens da Literatura Infantil

Para que nos serve a linguagem? Para persuadir, mentir, relatar... Então o ato de contar histórias nasceu com o homem, a partir do momento que sentiu necessidade de comunicar aos outros suas experiências, opiniões, surgindo a tradição oral da literatura.

A Literatura Infantil origina-se na Novelística Popular Medieval iniciada na Índia. De caráter mágico e fantasioso, as narrativas orientais forjaram-se durante séculos a.C. e se difundiram por todo o mundo.

A Literatura Infantil constituiu-se como gênero durante o século XVII, época onde as grandes mudanças da sociedade provocaram repercussões no campo das artes.

Em suas origens, a literatura foi essencialmente fantástica. O pensamento mágico dominava em lugar da lógica. A essa fase mágica, já demonstrando preocupação crítica às relações humanas em nível do social, correspondem às fábulas, que acabaram se transformando em Literatura Infantil, pois a natureza mágica atraía espontaneamente as crianças.

Com a entrada do Romantismo, o maravilhoso dos contos populares é definitivamente incorporado ao acervo da Literatura Infantil, pelo trabalho dos Irmãos Grimm, na Alemanha; de Hans Christian Andersen, na Dinamarca; Garret e Alexandre Herculano, em Portugal etc.

A partir do século XVIII, enquanto as narrativas antigas continuavam a se difundir pela Europa, através de diferentes coletâneas populares, nas reuniões familiares continuava o costume de contar histórias.

Nessa época começa também a preocupação com a escola para todos. Parece natural, que devido a essa nova preocupação com a leitura, comecem a surgir resumos de certos livros para adultos adaptados à compreensão e ao gosto das crianças ou à intenção de exemplaridade que se exigia da literatura a eles destinada. As narrativas exemplares (de cunho realista ou satírico) terminam em geral com o fracasso da personagem central...ou se ela vence é às custas de sua esperteza em enganar quem a ameaça ou impede seus desígnios.

Paralelamente às coletâneas de Perrault, La Fontaine, Grimm, Andersen e outras bem populares, surgem livros ditos cultos que, destinados a adultos, acabam tornando-se famosos com a literatura infantil ou juvenil. Com eles, surgem outros especificamente dedicados às crianças. Entre os que tiveram grande repercussão no Brasil, seja no original, seja na tradução: Aventuras de Robinson Crusóé (1719); Viagens de Gulliver (1726); Alice no País das Maravilhas (1862); Vinte Mil Léguas Submarinas (1869); Aventuras de Pinóquio (1881).

Todas elas expressam o estilo racionalista / romântico, hoje conhecido como tradicional. A novidade maior dessa literatura de raiz romântica é a sua preocupação com o Realismo, sua intenção de expressar a vida realmente vivida pelos homens. Com o avanço do racionalismo cientificista, os contos de fadas e as narrativas maravilhosas em geral passam a serem vistos como “histórias para crianças”.

No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.

Essa fase inicial da Literatura Infantil brasileira é representada em especial por Carlos Jansen (Contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusóé, As Viagens de Gulliver a terras desconhecidas), Figueiredo Pimentel (Contos da Carochinha), Coelho Neto e Olavo Bilac (Contos Pátrios) e Tales de Andrade (Saudade).

Com Monteiro Lobato tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e (re) orientação sócio-cultural. Cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. No Sítio do Picapau Amarelo vivem Dona Benta e Tia Nastácia, as personagens adultas que “orientam” crianças (Pedrinho e Narizinho), “outras crianças” (Emília e Visconde) e animais como Quindim e Rabicó.

Lobato escreveu obras claramente didáticas, além de outras obras de valorização da cultura, do folclore do país ou de pura fantasia, com ou sem o reaproveitamento de elementos e personagens da literatura infantil tradicional.

Em todas as obras observa-se a preocupação com as questões nacionais ou os grandes problemas mundiais, expressando essa temática numa língua marcada pelo aproveitamento do falar brasileiro. Lobato foi um grande adaptador dos contos de fadas.

O escritor estava abrindo caminho para muitos escritores de talento, que, sobretudo nas últimas décadas, vêm criando uma respeitável obra endereçada à criança.

Pode-se dizer que, hoje, todas as tendências temáticas e estilísticas se impõem com igual força na produção literária para crianças, jovens e adultos. Passado e presente se fundem para gerar novas formas.

Capítulo 3

Os Elementos Lingüístico-Cognitivos na Criação do Maravilhoso na Literatura Infantil

No início dos tempos, o maravilhoso foi a fonte misteriosa e privilegiada de onde nasceu a Literatura.

Entende-se como Maravilhoso todas as situações que ocorrem fora da nossa compreensão da dicotomia espaço / tempo ou realizada em local vago ou indeterminado na terra.

O Maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vai agir em seu inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida, projetando-se nesse universo contrafactual (do maravilhoso) em que reorienta-se um novo conhecimento de mundo.

Desse Maravilhoso nasceram personagens que possuem poderes sobrenaturais; deslocam-se, contrariando as leis da gravidade; sofrem transformações contínuas; defrontam-se com as forças do Bem e do Mal, personificadas; sofrem profecias que se cumprem; são beneficiadas com milagres; assistem a fenômenos que desafiam as leis da lógica etc.

As narrativas decorrem no mundo da magia, da fantasia ou do sonho, onde tudo escapa às limitações ou contingências precárias da vida humana e onde tudo se resolve por meios sobrenaturais.

Castelos, palácios, bosques encantados; reis, rainhas, bons e maus; príncipes heróicos e valentes; princesas sempre belas, felizes ou infelizes; lâmpadas mágicas; anões, gigantes, bruxas, animais que agem como seres humanos...são elementos presentes nesse universo mágico, desde as origens e vêm transmitindo beleza, poesia e sonho ao espírito dos homens e crianças.

Criadas para o prazer dos adultos, elas se transformaram em Literatura Infantil. Porém, os homens não podem prescindir do “maravilhoso” e a era tecnicista, inventa um novo “maravilhoso” com a nova genealogia de heróis: os super-homens, os seres biônicos, que a televisão oferece como o máximo ideal de realização de vida: a posse do poder absoluto.

Tradicionalmente, essas narrativas maravilhosas chegaram até nós, indiferentemente designadas por dois “rótulos”: conto maravilhoso e contos de fadas.

A psicanálise conclui que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas etc, facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. O que a criança encontra nos contos de fadas são, na verdade, categorias de valor que são perenes.

No Brasil, Lobato mostrou o maravilhoso como possível de ser vivido por qualquer um. Misturando o imaginário com o cotidiano real, mostra, como possíveis, aventuras que normalmente só poderiam existir no mundo da Fantasia.

Em “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado, o maravilhoso se faz presente na figura do coelho branco com atitudes, reações, sonhos e objetivos a alcançar como qualquer ser humano, alimentando a imaginário da criança.

A Literatura ou as Artes em geral, por mais que pretendam registrar a Verdade do Real nunca se afastam do Ideal a ser alcançado, como meta de aperfeiçoamento que a humanidade busca há milênios.

Capítulo 4

A Construção da Realidade Através da Linguagem Narrativa

Elemento decisivo na estruturação da maneira literária, a linguagem narrativa lhe dá presença efetiva. Desde a Antigüidade, a linguagem narrativa (em prosa ou verso) foi valorizada como instrumento de persuasão moral ou de conscientização político - religiosa, devido à instintiva fascinação que o “ouvir histórias” sempre exerceu sobre o homem.

A linguagem narrativa pode ser realista ou metafórica (simbólica).

É realista quando expressa as realidades, objetivamente, tal qual são ou se apresentam aos nossos olhos. É metafórica (ou simbólica) quando expressa uma realidade X, ou seja, querendo significar uma realidade Y, com isso, desde os primórdios, a linguagem metafórica foi escolhida como privilegiada para a comunicação de valores aos homens; por ser *a linguagem que fala por imagens* e assim comunicar com mais facilidade as idéias abstratas.

Tem-se mostrado, também, a mais adequada para expressar a dupla intencionalidade da literatura narrativa: divertir e ensinar. Devido a sua capacidade de representar visualmente as idéias abstratas (difíceis de serem transmitidas diretamente, em nível elementar de pensamento), a linguagem figurada atinge de imediato a todos, nos vários níveis de entendimento de cada ouvinte ou leitor.

A linguagem narrativa metafórica vem sendo criada por vários processos.

- Pela utilização de seres inanimados (elementos dos reinos vegetal ou mineral, dos fenômenos atmosféricos ou objetos fabricados pelo homem) que adquirem vida e falam ou agem como humanos, em situações também exemplares.

- Pela alusão ou analogia que permite que uma situação comum, cotidiana, vivida por homens ou mulheres, seja compreendida de imediato em um outro domínio de significação mais alta, que espraia-se daquele “cotidiano” particular e precário, para um significado moral amplo e perene, via de regra, ligado ao espírito humano.

· Pela transposição de sentido de um todo completo, do nível narrativo para o nível ideológico, onde aquele todo completo adquire uma significação diferente daquela que o nível narrativo aparenta.

Atualmente, sabemos que não há linguagem narrativa ideal para a criação literária. Tanto a realista como a metafórica oferecem recursos excelentes. Tudo depende do universo que se tenciona criar.

4.1. Processos Narrativos

No âmbito da linguagem narrativa, distinguimos diferentes técnicas ou processos narrativos: descrição, narração, diálogo.

A descrição corresponde a um processo de apreensão da realidade que resulta de uma atitude estática. Isto é, atitude de quem observa, analisa e descreve uma realidade parada, imobilizada no tempo. A descrição é, pois, a técnica do observador que vê de fora e mostra o objeto ou fenômeno, focalizado como um espetáculo estático. Na literatura infantil, desempenha uma função muito importante (desde que não seja radicalizado): ensina a criança a ver as coisas, através da representação mental estruturada com base na escolha de vocábulos (substantivos, adjetivos, conectivos) que orientam a perspectivação do discurso literário.

A narração é a técnica de expressão de quem relata um processo; de quem participa emotivamente daquilo que está contando, porque se sente senhor de todos os segredos e de todo dinamismo da situação em foco. É o recurso expressivo de quem está tendo uma perspectiva ampla de visão, que compreende e hierarquiza a escala de valores que integram os acontecimentos e tem como objetivo transmitir a alguém o processo evolutivo de uma situação.

A narração é de natureza dinâmica. O narrador substitui os fatos ou a situação-em-si pelo próprio discurso, que passa a “representar” aquela situação, tal como é vista e interpretada por sua consciência-de-narrador.

Notamos, porém, que dificilmente encontramos isolados estes dois processos básicos de revelação da realidade, através da palavra. Em cada texto literário, pode predominar um ou outro, mas ambos sempre estarão presentes, pois não há descrição sem um mínimo de narração, nem esta sem um mínimo daquela.

Lukács afirma:

“O contraste entre o participar e o observar não é casual, pois deriva da posição assumida de princípio pelo escri-

tor, em face da vida, em face dos grandes problemas da Sociedade, e não de mero emprego de métodos diversos de representar determinado conteúdo ou parte de conteúdo (...)”.

O diálogo é o estilo direto, a comunicação oral entre duas ou mais pessoas. É dos processos narrativos que dão mais objetividade às personagens e situações; pois é o que mais se aproxima da vida real. Daí ser uma das técnicas mais ricas para a caracterização das personagens. É a oportunidade que o autor dá a elas de se revelarem diretamente ao leitor, eliminando a mediação do narrador, aparentemente.

O diálogo pode ser elucidativo quando revelar peculiaridades das personagens ou de quaisquer aspectos da situação em causa, mas sem intervir na seqüência narrativa.

Na Literatura Infantil é das técnicas mais adequadas para atrair o pequeno leitor (ou ouvinte), exatamente porque a linguagem oral está mais perto de seu interesse do que a linguagem escrita.

Na obra em análise constatamos o entrelaçamento de três processos narrativos: descrição, narração e diálogo. Percebemos um maior dinamismo na narrativa e, por conseguinte, atinge diretamente ao leitor. Esses processos interagem durante toda a história, enriquecendo-a com os detalhes das descrições, agilizando a narrativa e com diálogos esclarecedores, que caracterizam os personagens em todas as particularidades necessárias garantindo o entendimento do fio condutor da narrativa.

A linguagem metafórica, como é de sua função, foi utilizada aliada ao recurso pictográfico, para representar as idéias que seriam difíceis de transmitir, por não fazer parte do conhecimento de mundo da maioria de nossas crianças como: “Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pêlo da pantera negra quando pula na chuva.(...) a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do reino do Luar...” .

Capítulo 5

“Como Entendemos Tanto a Partir de Tão Pouco?”
(Noam Chomsky: 1969 Knowledge of language)

Pressupostos Teóricos da Análise Semântico-Literária

É indiscutível a importância dos elementos lingüísticos do texto, para a apreensão /compreensão do sentido e estabelecimento da coerência.

Esses elementos constituem ponto de partida para a elaboração de inferências, servem como pistas para ativar modelos (conhecimento de mundo e conhecimento compartilhado), que vão contribuir na construção da coerência.

O conhecimento de mundo desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência. Adquirimos esse conhecimento à medida que vivemos, tomando contacto com o mundo que nos cerca e experienciando uma série de fatos. Eles são armazenados em nossa memória em blocos, ou seja, modelos cognitivos.

Inseridos no conhecimento de mundo encontramos:

- os frames (molduras) – que são conhecimentos armazenados sob determinado “rótulo” (nossa moldura sócio-cultural de domínio público comum);
- os scripts – são conhecimentos sobre maneiras de agir estereotipados, convencionados pela sociedade, inclusive em termos de linguagem como fórmulas de cortesia, rituais religiosos.
- esquemas – são conjuntos de conhecimentos armazenados em seqüência temporal ou causal. Com esses elementos elaboramos as nossas estruturas dos modelos cognitivos, culturalmente determinados e aprendidos através de nossa vivência em sociedade.

Além desses elementos supracitados existe o conhecimento dito científico aprendido nos livros e nas escolas, reestruturando nossos padrões sócio-culturais por vezes criando problemas de coerência.

A partir dos conhecimentos que temos construímos um modelo do mundo representado em cada texto, o mundo lingüístico-textual.

Mas para que possamos estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos

lingüísticamente ativados e o nosso conhecimento de mundo, pois, assim, não teremos condições de construir o mundo textual, dentro do qual as palavras e expressões do texto ganham sentido.

A partir de experiências pessoais, cada um de nós vai armazenando modelos cognitivos que são ativados em conformidade com os estímulos, pistas léxico-pictográficos presentes na obra por ora tratada, emoldurados pragmaticamente na composição da semiose semântico-textual.

Os elementos textuais que ativam o **conhecimento partilhado** entre os interlocutores constituem a informação “velha” ou dada, ao passo que tudo aquilo que for introduzido a partir dela constituirá a informação nova trazida pelo texto.

A coerência de um texto depende do equilíbrio entre a informação dada e a nova.

Consideram-se informações dadas as que são recuperáveis a partir do próprio texto; aquelas que fazem parte do contexto situacional, aquelas que são de conhecimento geral em dada cultura e as que remetem ao conhecimento comum do produtor e receptor.

Utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor/ouvinte estabelece uma relação não explícita entre dois elementos deste texto que ele busca compreender e interpretar, ou seja, o que é explicitado no texto é apenas uma pequena parte daquilo que fica implícito. E é preciso que o receptor seja capaz de atingir os diversos níveis do implícito para obter uma compreensão mais profunda do texto.

Os **fatores contextualizadores** desempenham um papel de grande importância no estabelecimento da coerência. Sem os elementos contextualizadores, fica difícil decodificar a mensagem.

São eles que sustentam o texto em uma situação comunicativa determinada. Temos os fatores gráficos, as ilustrações, disposição da página, fotos, que contribuem para a interpretação do texto.

A **situacionalidade**, outro fator responsável pela coerência, pode ser vista em duas direções:

- Da situação para o texto: quando se determina em que medida a situação comunicativa interfere na produção / recepção do texto, no estabelecimento da coerência. A situação pode ser entendida no sentido estrito, ou seja, o contexto imediato da interação e no sentido amplo, isto é, o contexto sócio-político-cultural em que a interação está inserida. A situação comunicativa tem interferência direta na maneira como o texto é construído,

sendo responsável pelas variações lingüísticas. Ao construir um texto é bom verificar o que é adequado àquela situação específica: grau de formalidade, variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema etc.

· Do texto para a situação: o texto tem reflexos importantes sobre a situação comunicativa: o mundo textual não é jamais idêntico ao mundo real. Ao produzir um texto, o autor recria o mundo de acordo com seus objetivos, propósitos, interesses, convicções, crenças etc. O mundo criado pelo texto não é cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo autor a partir de determinadas intenções. Os referentes textuais não são idênticos aos do mundo real, mas são reconstruídos no interior do texto. Há sempre uma mediação entre o mundo real e o mundo textual, de acordo com cada receptor.

É a **informatividade** que diz respeito ao grau de previsibilidade ou expectabilidade da informação contida no texto.

Se o texto contiver apenas informação previsível, seu grau de informatividade será baixo; se contiver além da informação esperada ou previsível, informação não previsível, terá um grau maior de informatividade; se, por fim, toda informação for imprevisível, ele terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente.

É a informatividade que vai determinar a seleção e o arranjo das alternativas de distribuição da informação no texto, de modo que o receptor possa entender-lhe o sentido com maior ou menor facilidade, dependendo da intenção do produtor ao construir um texto.

A **focalização** tem a ver com a concentração dos usuários (produtor / receptor) em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo textual.

O produtor fornece ao receptor determinadas pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer aos conhecimentos de mundo e partilhados sobre o que está sendo focalizado, para poder entender o texto de modo adequado.

Constata-se, portanto, que a focalização tem relação direta com a questão do conhecimento de mundo e de conhecimento compartilhado.

Diferenças de focalização podem causar problemas sérios de compreensão, impedindo, às vezes, o estabelecimento da coerência. Uma mesma palavra poderá ter sentido diferente, dependendo da focalização. Ela determina também, o uso adequado de certos elementos lingüísticos.

Um dos mais importantes meios de evidenciar a focalização é o uso do que chamamos de descrições ou expressões definidas, isto é, grupos nominais introduzidos por artigo definido (ou por demonstrativos). Tais expressões selecionam, dentre as características do referente, aqueles sobre as quais se deseja chamar a atenção.

O título do texto também é responsável pela focalização, pois ativa e / ou seleciona conhecimentos de mundo que temos arquivados na memória, avançando expectativas sobre o conteúdo do texto.

Outro fator importante da coerência é a **intertextualidade**, na medida em que, para o processamento cognitivo de um texto recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos. Ela pode ser de forma ou de conteúdo.

A intertextualidade de forma acontece quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso.

Os conhecimentos de mundo são armazenados em nossa memória sob a forma de blocos - os modelos cognitivos globais - entre os quais estão as superestruturas ou esquemas textuais, que são conjuntos de conhecimentos que se vão acumulando quanto aos diversos tipos de textos utilizados em dada cultura.

O conhecimento dos tipos textuais, portanto, permitirá ao leitor “enquadrar” o texto em determinado esquema, o que lhe poderá dar pistas importantes para a sua interpretação.

Quanto ao conteúdo, pode-se dizer que a intertextualidade é uma constante: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura etc, dialogam, necessariamente, uns com os outros. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira explícita ou implícita.

Não havendo indicação da fonte do texto original, caberá ao receptor, através do seu conhecimento de mundo, não só descobri-la como detectar a intenção do produtor do texto ao retomar o que foi dito por outrem.

O reconhecimento do texto-fonte e dos motivos de sua reapresentação, no caso da intertextualidade implícita, é, como se vê, de grande importância para a construção do sentido de um texto.

A **intencionalidade** refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo textos adequa-

dos à obtenção dos efeitos desejados. É por esta razão que o emissor procura, de modo geral, construir seu texto de modo coerente e dar pistas ao receptor que lhe permitam construir o sentido desejado. O emissor do texto vai mobilizar todos os outros fatores de textualidade, inclusive, dependendo do tipo de texto, utilizando os mecanismos de coesão.

A **aceitabilidade** constitui a contraparte da intencionalidade. O princípio básico que rege a comunicação humana é o da cooperação, isto é, quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procuram calcular o sentido do texto do (s) interlocutor(es), partindo das pistas que ele contém e ativando seu conhecimento de mundo, da situação etc. É por isso que, Charolle - 1983 conceitua a coerência como um princípio de interpretabilidade do discurso.

A intencionalidade tem relação estreita com o que se tem chamado de **argumentatividade**. Se aceitarmos como verdade que não existem textos neutros, que há sempre alguma intenção ou objetivo da parte de quem produz um texto, e que este não é jamais uma “cópia” do mundo real, pois o mundo é recriado no texto através da mediação de nossas crenças, convicções, perspectivas e propósitos, então somos obrigados a admitir que existe sempre uma argumentatividade subjacente ao uso da linguagem.

A argumentatividade manifesta-se nos textos por meio de uma série de marcas ou pistas que vão orientar os seus enunciados no sentido de determinadas conclusões, isto é, que vão determinar-lhes a orientação argumentativa, segundo uma perspectiva dada. Entre estas marcas encontram-se os tempos verbais, os operadores e conectores argumentativos (até, mas, mesmo etc), os modalizadores (certamente, possivelmente etc.), entre outros. A partir destas marcas, das inferências e dos demais elementos construtores da textualidade aqui focalizados, o receptor construirá a sua leitura, entre aquelas que o texto, pela maneira como se encontra lingüisticamente estruturado, permite. É por isso que todo texto abre a possibilidade de várias leituras.

De acordo com Giora - 1985, dois requisitos básicos para que um texto possa ser tido como coerente são **a consistência e a relevância**.

A condição de consistência exige que cada enunciado de um texto seja consistente com os enunciados anteriores, isto é, que todos os enunciados do texto possam ser verdadeiros (não contraditórios) dentro de um mesmo mundo ou dentro de mundos representados no texto.

O requisito da relevância exige que o conjunto de enunciados que compõem o texto seja relevante para um mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

Deve ficar claro que a coerência não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si, mas sim que ela se constrói na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, em decorrência de todos os fatores aqui examinados.

Capítulo 6

Por uma Análise Semântico-Literária

6.1. O sonho de ser negro: uma desconstrução de paradigmas

No mundo textual criado pela consciência – do – narrador, a moldura social de domínio público é reesquematizada ao colocar como personagens principais, uma menina negra e um coelho branco. Para o coelho branco, a menina negra é um referencial de beleza e perfeição, impulsionando-o na busca desse ideal: o de ser negro e bonito como a menina.

Segundo o método criado por W. Propp (Morfologia do Conto) e por Greimas (Semântica Estrutural), na análise das estruturas da narrativa, registram que, geralmente, nos contos maravilhosos têm como motivo nuclear, uma aspiração ou um desígnio que levam o herói à ação.

A focalização textual nos dá pistas sobre como o fio condutor da narrativa será desenvolvido, sendo preciso que nos reportemos ao nosso conhecimento de mundo e conhecimento partilhado, em que frames e esquemas pré-estabelecidos pela sociedade são desestruturados, nos mostrando um mundo contrafactual, com valores totalmente diferentes do que estamos acostumados.

Segundo Joel Rufino dos Santos, a definição de negro não é biológica. Ou melhor, só o é parcialmente. Em nosso subconsciente, preto e trabalhador manual são sinônimos (e, inversamente, branco é trabalhador livre, ou liberal).

Os defeitos que imputamos aos negros são os que imputávamos aos escravos: lascívia, sujeira, falsidade, burrice, servilismo.

O xis do problema é que a cor é uma barreira a mais na fuga da pobreza.

Daí o processo vulgarmente chamado de “embranquecimento”, ou seja, o negro tem dois caminhos: casar com branca e ter filhos claros ou ficar rico, pois é de crença geral que “dinheiro não tem cor” e “preto rico branco é”.

Partindo dessa definição sociológica, constatamos que os elementos lingüísticos analisados orientam para uma total desconstrução dos padrões sociais vigentes. Assim estabelece-se uma progressão referencial partindo de um frame (rótulo) do conhecimento de mundo comum (a condição inferior do negro em nossa sociedade) e encaminha a narrativa, quebrando com esses paradigmas, sugerindo a aceitação das diferenças, na relação branco, negro, outras raças e outras diferenças existentes.

A narrativa estabelece com o leitor / ouvinte uma relação de informatividade, em que as pistas apresentadas no texto impõem uma expectativa quanto ao desfecho do livro.

Durante a narrativa, fica implícita o domínio da menina negra sobre o coelho branco, através de sua inteligência e esperteza, bem diferente do poder do branco sobre o negro, ao longo de nossa história.

Os recursos reiterativos contidos no texto, como a pergunta que é feita pelo coelho: “... Menina bonita do laço de fita qual é o teu segredo pra ser tão pretinha?”, torna-se um refrão, com o intuito de fixar no leitor, o desejo enorme que o coelho tinha de ser negro como a menina.

Podemos entender que toda a narrativa nos leva, além da aceitação das diferenças, a aceitação de si mesmo. Aceitar-se como é, também é uma conquista.

As escolhas lexicais são usadas de modo a levar o leitor a perceber e aceitar a inversão dos paradigmas e a quebra dos padrões estabelecidos pela sociedade.

Toda moldura situacional apresentada: a menina negra, bonita, bem cuidada, detentora de conhecimentos, com família estruturada, com bom poder aquisitivo, mostrados através de signos pictográficos, rompe com um mundo real onde ela é estigmatizada, criando um mundo textual, contrafactual, onde esta situação idealizada reverte a situação factual.

6.1.2. A visão factual: uma atitude estereotipada

Ao longo de nossa história, a presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção de nossa sociedade.

Evidenciam-se, na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada.

Na visão distanciada, o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórica-cultural do Brasil se tornam assuntos ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante.

No século passado, presentifica-se a visão estereotipada, que vai prevalecer até a atualidade, com alguma variação.

Começa pelo personagem do escravo nobre que vence os obstáculos por força do seu branqueamento; o negro vítima, que transforma-se em objeto de idealização pela defesa da causa abolicionista; o negro infantilizado, associado à animalização, serviçal, submisso; o escravo demônio, tornado fera por força da “própria escravidão”; o negro pervertido; o negro erotizado, objeto sexual; o negro fiel, símbolo da anti-violência; o negro injustiçado e ressentido.

Sintetizando, em relação à produção literária do século atual, predomina o estereótipo. O personagem negro ou mestiço ou é elemento perturbador do equilíbrio familiar ou social, ou como herói, ou como negro humanizado, amante, força de trabalho, produtivo, vítima sofrida de sua ascendência.

Tal imagem, entretanto, vem-se diluindo na atualidade, diante dos posicionamentos daqueles que seguem se empenhando na luta pela afirmação cultural e pela legítima e devida integração do negro na sociedade brasileira para além dos estereótipos e das distorções.

6.2.2. A visão contrafactual: uma atitude compromissada

O posicionamento engajado só começa a tomar corpo, a partir dos anos 30 e 40 e se fortalece a partir dos anos 60. Através de escritores assumidamente negros ou descendentes de negros, o movimento cresce nos anos 70 e no curso da década de 80, preocupados em marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira.

Pouco a pouco, escritores negros e descendentes de negros começam a manifestar em suas obras o comprometimento com a etnia.

O resgate dos mitos, a proximidade cultural com a África, mas sem distorções nostálgicas, e com outros países em que a discriminação existe, o tempo escravo repensado, as revoltas, a situação do negro e de

seus descendentes na construção sócio–econômica do país e sua marcada participação nos tempos heróicos da formação da nacionalidade, as contribuições lingüísticas colocadas em evidência na nossa língua portuguesa do Brasil, podem, entre outros traços, contribuir, através da transfiguração na literatura, para o melhor conhecimento e o redimensionamento da presença do negro na sociedade brasileira. São verdades e valores capazes de se opor vigorosamente aos estereótipos e preconceitos ainda vigentes no comportamento de muitos brasileiros.

Na obra infantil “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado, constatamos uma atitude compromissada, fugindo dos estereótipos e preconceitos, mostrando o negro como um indivíduo engajado, com direitos e deveres como qualquer cidadão e sem o artifício do branqueamento para ser aceito.

Comprovamos a valorização da mulher negra, como raça e sujeito participante de uma sociedade, na qual é estigmatizada. Com esta atitude compromissada, temos uma visão de relações de igualdade entre as raças, promovendo oportunidades iguais em todos os níveis: social, econômico e cultural.

As escolhas lexicais são pistas reveladoras e criteriosas, visando atingir ao objetivo a que se propôs e de modo a levar o leitor / ouvinte a depreender e aceitar a inversão de paradigmas e à quebra dos padrões estabelecidos pela sociedade.

6.3. *Esferas de poder: ignorância x conhecimento*

“Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo pra ser tão pretinha?.

Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...

Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina...

Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina...”.

Para uma pergunta, três respostas diferentes. Como surgiu tal divergência?

Há nessa obra uma relação entre a ignorância e o conhecimento. A ignorância representada pelo coelho branco sem saber como fazer para

ficar negro e acreditando em todas as sugestões absurdas dadas pela menina negra, detentora do conhecimento e que exercia esse poder sobre a ingenuidade do coelho branco.

A narrativa é encaminhada progressivamente entre várias tentativas frustradas do coelho branco em alcançar o seu objetivo.

Até que o coelho é esclarecido pela mãe da menina, que funciona como mediadora no discurso, ou seja, o elemento que o ajuda a superar os obstáculos: "... Artes de uma avó preta que ela tinha... Aí o coelho_ que era bobinho, mas nem tanto_ viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos..."

Esta passagem é o clímax da narrativa, com a tomada de decisão do branco coelho, que finalmente entende como fazer para conseguir o objetivo que tanto perseguiu durante história: "... E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina tinha era que procurar uma coelha preta para casar..."

A menina além de dominar o conhecimento, representa a autoridade de quem sabe e tem permissão de inventar alternativas absurdas, legitimando-as como verdadeiras. A menina é o referencial para o coelho poder realizar o seu desejo.

Constatamos no texto a presença da argumentatividade, representada pelo uso de determinados tempos verbais, de operadores e conectores argumentativos que aliados aos demais elementos construtores da textualidade, possibilitam ao leitor elaborar a sua própria leitura.

6.4. Os recursos léxicos - gramaticais na progressão textual

A manutenção do tema do texto é garantida pelo uso de termos pertencentes a um mesmo campo lexical e através desses termos, um frame ativa-se na memória do leitor / ouvinte, de modo que outros elementos serão interpretados dentro desse frame.

As escolhas lexicais contribuem para uma coesão seqüencial e referencial. Os elementos tinta preta, café, jabuticaba, feijoada (nomes genéricos) nos remetem ao mundo textual contrafactual da narrativa, em que o coelho quer ser negro, como os elementos citados, funcionando como uma reiteração do mesmo item lexical (preto), redefinindo, lingüisticamente, as verdades do mundo factual.

A seleção lexical dos adjetivos marca reiterativamente, o fio condutor em que estabelece - se, lingüístico – semanticamente, a valorização

dos personagens do livro, promovendo, imagetivamente, as nuances de diferença, estabelecendo os perfis dos personagens, como em: "... mulata linda e risonha; menina pretinha e linda"; "... Tinha coelho pra todo gosto: branco bem branco, branco meio cinza, (...) e até uma coelha bem pretinha ..."

Na narrativa vê-se uma perspectiva contextual em que a informação contextualmente deduzível (tema) gera uma informação nova, desconhecida, não deduzível (rema) ilustrada por esta passagem: "... Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo pra ser tão pretinha? Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina..."

Temos então, uma progressão temática com um tema constante em que a cada questionamento(mesmo tema), foram acrescentadas novas informações remáticas a cada enunciado: "... Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina..."; "... Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina..."

Constatamos na narrativa um encadeamento que permite estabelecer relações semânticas e /ou discursivas entre os elementos obtidos por justaposição através dos questionamentos feitos pelo coelho branco à menina negra, supracitados, sendo marcadores conversacionais, estabelecendo um seqüenciamento coesivo.

Esses questionamentos reiterativos estabelecem na relação lógico – semântica uma mediação que se expressa por intermédio de duas orações, uma das quais se explicitam os meios para atingir o fim expresso na outra.

Nas raias da literatura, a presença dos tempos verbais, pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito do indicativo são referências de tempo dentro de uma atitude comunicativa de um mundo narrado, já acontecido.

Quanto à perspectiva do que os tempos verbais indicam temos no texto o tempo zero (pretérito perfeito e imperfeito) constatado no seguinte trecho: "... Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando eu era pequenina..."

Os tempos verbais no pretérito perfeito indicam o texto em primeiro plano, e o imperfeito, torna-se o pano de fundo da narrativa.

A predominância de verbos no pretérito imperfeito do indicativo dá a idéia de continuidade, de duração dos fatos no tempo.

A utilização de operadores argumentativos durante a narrativa aparecem com diferentes funções.

A repetição do conectivo, **mas**, numa contração, contrasta com o primeiro enunciado produzindo um efeito retórico: “... O coelho saiu dali, (...) todo contente. Mas aí veio uma chuva (...), ele ficou branco outra vez...”

O conectivo acarreta uma quebra de expectativa.

Em “... Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não pára mais...”, o conectivo **que** encadeia-se sobre um primeiro ato de fala, explicando o enunciado anterior.

As relações de temporalidade se estabelecem através das conexões entre orações, relacionando-os uns aos outros eventos, estado de coisas, ações do “mundo real” da narrativa, localizando-os no tempo, como podemos observar em: “... Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando eu era pequenina...”, indicando tempo anterior. “... Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...”, indicando tempo posterior.

Em “... Logo encontrou uma coelhinha escura, como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça...”, a presença do conectivo **logo** introduz um enunciado conclusivo em relação a atos de fala anteriores contendo premissas, dando a noção do tempo exato do acontecimento. O elemento lexical **logo** nos aponta para a concretização imediata da ação.

A presença dos advérbios **muito, nada, tanto, ali, aí, bem, como**, funciona como demarcadores de partes ou de seqüências do texto, como no período: “... Mas não ficou nada preto...”, “... O coelho saiu dali e tomou tanto café...”, “... Ficou bem negro, todo contente...”.

É através dos advérbios, que percebemos a visão compromissada do texto com a valorização do negro, rompendo com esquemas sócio – culturais pré-estabelecidos.

O conectivo **se** nas relações argumentativas aparece como demarcatório entre os universos do não realizável e do realizável, redefinindo toda uma intenção do personagem e reforça o comprometimento com a verdade que nela é veiculado, ou seja, o compromisso do coelho em alcançar o seu objetivo, determinado desde o início da narrativa: “... E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina tinha era que procurar uma coelha preta para casar...”.

O **se** aparece como operador argumentativo, estabelecendo a condição de verdade para que o objetivo x seja alcançado. Para tal o coelho branco toma a atitude y. Se o coelho branco queria x (ser negro), ele tinha

que tomar a atitude y (casar com uma coelha preta). E essa consciência veio para o coelho, na figura da mãe da menina, mulata linda e risonha e que também representa o poder matriarcal da mulher.

Em “... perguntou **outra vez**:...””, a repetição deste termo funciona como um marcador de situação, ou seja, de ordenação temporal e textual, reiterando a perseverança do coelho branco, nas suas várias tentativas em busca de uma resposta que o fizesse alcançar o seu objetivo. Este termo constrói o sentido de uma insistência continuada e permanente.

O conectivo **e** aparece como elemento encadeador entre as orações, somando argumentos a favor de um enunciado, como acontece no exemplo abaixo e em vários trechos do livro: “... O coelho saiu dali e tomou tanto café, que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi...”.

A repetição do verbo “sair” numa visão léxico-semântica nos passa o sentido de movimento, de procura de alguma resposta que faça com que o resultado seja alcançado e satisfatório.

O **como** estabelece entre um termo comparante e um termo comparado, uma relação de igualdade, tendo em vista uma conclusão a favor de uma coelha linda como a noite, suspendendo uma barreira pragmaticamente construída ao longo da história do Brasil, em que numa visão estereotipada, o elemento negro não tem sido valorizado e para se ter valor sofre um processo de branqueamento e assim conseguir a aceitação.

A narrativa foge de toda uma expectativa temático-sócio-cultural, desconstruindo esquemas sócio-econômicos culturais perpetuados ao longo da história, amparando nossos modelos conceituais do mundo.

Conclusão

Após a análise da obra de Ana Maria Machado, “Menina Bonita do Laço de Fita”, concluímos que na visão sócio-cognitivista, a leitura é um processo de construção de significados, mediado pelo leitor, escritor e texto. É um ato de compreensão que pressupõe o domínio de conhecimentos e de estratégias cognitivas e metacognitivas relacionadas à linguagem escrita e aos processos de construção de sentidos, compartilhados sócio-culturalmente entre os participantes de uma determinada comunidade lingüística.

O processo de construção de significados é uma tarefa complexa que se determina pela capacidade de pensar, isto é, produzir, organizar e se

apropriar de conhecimentos, enquanto os falantes se constituem sujeitos de suas próprias interações, mediadas pela linguagem.

O leitor e escritor estabelecem uma relação de cooperação dentro do processo de negociação de significados que contribuem para a compreensão do texto.

A construção de uma moldura comunicativa, a focalização de esquemas conceptuais sugeridos por pistas lingüísticas, as operações com metáforas contribuem para a construção da coerência e coesão textuais.

Encontramos em Bakhtin considerações que corroboram nossa conclusão. Diz que: “Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que ela procede de alguém como pelo fato de que se dirige à alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia -se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do leitor e do interlocutor”.

No livro “Menina Bonita do Laço de Fita” encontramos material rico e extenso para constatar a razão da evolução crescente e inquestionável que a Literatura Infantil, de um modo geral, vem alcançando nestes últimos trinta anos.

O cuidado, o esmero e o respeito com que a composição textual é tratada merece atenção especial, pois justifica a evolução desse gênero de literatura no Brasil. ◆

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 3 ed. São Paulo: Editora Scipione. 1993. 174 p.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 6 ed. São Paulo: Editora Ática. 1993.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil, teoria e prática**. 12 ed. São Paulo: Editora Ática. 1991. 176 p.

FILHO, Domício Proença. **A Trajetória do Negro na Literatura Brasileira**. Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. N° 25. 1997. p. 159.

KOCH, Ingedore Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A Coerência Textual**. 6 ed. São Paulo: Editora Contexto. 1995. 94 p.(Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

KOCH, Ingedore Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A Coesão Textual**. 6 ed. São Paulo: Editora Contexto. 1993. 75 p. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

OLIVEIRA, Marilda Clareth Bispo de. **A Metáfora e a Leitura de poesias em contexto escolar**. Revista de Estudos Lingüísticos – Veredas. Volume 6. Minas Gerais: Editora UFJF. jan / jun 2000. p. 129. 148.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A Questão do Negro na sala de aula**. 1 ed. São Paulo: Editora Ática. 1990.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. 4 ed.Trad.bras. São Paulo: Editora Cultrix . 1969.

www.graudez.com.br/detudoumpouco/litininf. 28/08/02.

www.avaniemarinho.com.br/infantilmaravilhoso.htm 25/08/02.

www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Lit.Infantil/caract.htm 25/08/02.

www.lobato.com.br/html/editor.html 03/11/02.